

Allan Kardec pode ser considerado um racista?

*"o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor**". (Allan Kardec)*

Existem muitas pessoas que andam propagando sempre as mesmas acusações, tirantes a forma e a ordem em que se encontram, esperando com isso nos vencer pelo cansaço e pela petulância audaciosa que nada serve para mudar a realidade dos fatos, que é muito diferente daquilo que apregoam.

Temos notado que a discussão desse tema, tem havido certa insistência, com certo jogo repetitivo, sutilmente preparado para manter acesa a chama da indignação "anti-racista" contra Kardec, uma pessoa à qual jamais puderam acusar de qualquer atitude racista, seja direta ou indiretamente, e que em sua vida jamais compactuou com ideologias e conceitos que se identificavam aquilo a que ele próprio chamava: **"distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor"** (RE, 1861).

O mais curioso disso tudo é como tentam a todo custo dissociar um suposto racismo de Kardec com o espiritismo, doutrina resultante de seu denso e rigoroso trabalho de Codificação. Só mesmo um lamentável erro lógico pode justificar ao mesmo tempo que:

1º Kardec era racista;

2º Na Doutrina Codificada por ele, seu racismo estava "densamente descrito";

3º Apesar de tudo isso, este racismo não contaminou aqueles que absorveram os seus ensinamentos.

Encontramos, em uma das críticas mais comuns: "Como o 'espiritismo não é racista', se conforme diz o autor das virulências, 'o racismo de Kardec foi densamente descrito através da transcrição da codificação básica do Espiritismo'? Isso parece um contra-senso!" Reafirmamos que o espiritismo não é racista, pois seus adeptos não são racistas e por que o espiritismo não instiga a segregação racial.

Porém para os defensores do racismo na doutrina espírita, Kardec era racista, sim, pois, segundo eles, em suas explicações de cunho espiritual encontra-se forte

presença da ideologia racista, como por exemplo, ao atribuir uma origem “espiritual” e terrena distinta para a raça branca raça Adâmica – que seria superior às demais;

Realmente é impossível conciliar os parágrafos acima, sem prejuízo do significado da palavra, manipulado conforme a necessidade de acusar ou defender. No primeiro comentário se diz que o espiritismo não é racista, “por que o espiritismo não instiga a segregação racial”, e ponto final, está definida a palavra “racismo”, para não culparem seus adeptos. Mas o objetivo da crítica é culpar e atingir Allan Kardec, e não seus adeptos. Isso nós vemos no segundo comentário, onde a primeira definição deixa de ser válida para Kardec, pois o que se quer é colocar em jogo seu prestígio, e para isso não importam as consequências, mesmo que para isso precisem dilatar o significado e abrangência do vocábulo. Daí recorre a juízos de valor, onde “entendem” que uma ideologia que sugira origens diferentes para raças diferentes seja necessariamente racista, ainda que esta se baseia nos mais rigorosos métodos de investigação científica da época, tanto de fatos geológicos, quanto de observações antropológicas.

A teoria da raça adâmica é um exemplo claro disso. Ela complementa a hipótese sobre a origem do corpo humano, a qual sugere sua origem em diversos pontos da terra, e acrescenta que o espírito humano se desenvolveu tanto no planeta como migrou de outros mundos de nosso Universo. Tudo isso é apresentado de forma incontestável no livro “A Gênese” (capítulo XI, “A Gênese Espiritual”), tomando como base as mais recentes descobertas geológicas e antropológicas de sua época. Porém, nada disso é colocado como verdade absoluta, tudo isso se baseava na Ciência que para os defensores do racismo na doutrina espírita é chamada de “Ciência Verdadeira”. Muito pelo contrário, por ser uma doutrina progressiva e não estacionária, não se lhe pode atribuir o epíteto de “teoria racista”. Maiores detalhes os leitores podem encontrar no endereço que citaremos logo abaixo. Uma leitura calma, isenta e atenta do capítulo é sempre muito útil e recomendável, pois nos impede de chegar a conclusões sem conhecimento de causa.

Comentaremos somente alguns dos casos que citam da Codificação com o fito de encontrar ali algo que ela mais combate, qual seja o racismo. Um desses é o caso dos hotentotes, que extraem desse trecho abaixo:

"Em relação à sexta questão, dir-se-á, sem dúvida, que o Hotentote é de uma raça inferior; então, perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus o fez, e à sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, porque procurar fazê-lo cristão?" (KARDEC, A., O Livro dos Espíritos, capítulo V, p. 127).

Ora, qualquer observador que se preze irá notar que em nenhum momento Kardec afirma ser o hotentote uma raça inferior, pelo contrário, diante das questões que formula aos não reencarnacionistas sobre o porquê de existirem homens selvagens e civilizados podemos tirar as seguintes conclusões:

1. Trata-se de perguntas e não afirmativas;
2. As perguntas se referem à desigualdade de aptidões e de progresso social de povos primitivos, como é o caso do hotentote;

3. A resposta não é dele, o que se nota pelo “dir-se-á naturalmente”, onde Kardec apresenta uma resposta provável, que poderia ser dada por aqueles que creem na unicidade das existências, refletindo o que eles pensavam e não ele;
4. Kardec faz uma pergunta que sugere discordância da resposta acima: “Perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não.”
5. Na continuidade do raciocínio, ele parte das possíveis respostas, dadas não por ele, mas pelos que combatem a reencarnação: “Se é...” e “Se não é...”. E logo em seguida completa o raciocínio esclarecendo que a causa da diversidade intelectual resulta do adiantamento ou atraso do espírito e questiona se a explicação dada pela Doutrina Espírita não seria mais concorde com a Justiça de Deus.

Eis aí um caso clássico onde o próprio texto invocado traz desmentido claro e inequívoco às intenções deletérias dos defensores do racismo na doutrina espírita por ideias pré-concebidas. Outro texto que citam é este:

"Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos particulares, que não permitem se lhes assinale uma origem comum. Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. O ardor do Sol tosta e brune a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanuzado e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie. Há-se, pois, de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações aplicam, conseqüentemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (KARDEC, A., "A Gênese", Cap. X, XI E XII, grifo nosso)

Onde, nas citações acima, perguntamos, estaria subentendido um racismo? O que se mostra claro do exposto, é exatamente a existência destes "tipos particulares" a cada raça, e "que não permitem se lhes assinale uma origem comum". Dizer com base científica que "a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie" é racismo?

Vamos agora ao famoso caso da “teoria da beleza”, do qual citam:

O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.

Eis porque podemos, sem fatuidade, eu creio, nos dizer mais belos do que os negros e os Hotentotes; mas talvez também seremos, para as gerações futuras, o que os Hotentotes são em relação a nós; e quem sabe se, quando

encontrarem os nossos fósseis, não os tomarão pelos de alguma variedade de animais. (KARDEC, A., "Obras Póstumas", grifo nosso)

Adentramos aqui a "teoria da beleza", segundo a qual, conforme opinião do espírita Eugênio Lara, Kardec estaria agindo com "preconceito" por se achar mais belo do que os negros e os hotentotes. Em primeiro lugar a teoria não é de Kardec, mas consta do livro "As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade" de Charles Richard. O que Kardec faz é simplesmente comentar a teoria, sugerindo que a beleza seja relativa, porque "os negros se acham mais belos do que os brancos e vice-versa". Vejamos seus comentários:

*A beleza é uma coisa de convenção, e relativa a cada tipo? O que constitui a beleza para certos povos não é para outros uma horrível fealdade? Os negros se acham mais belos do que os brancos e vice-versa. **Nesse conflito de gostos, há uma beleza absoluta e em que consiste ela?** Somos realmente mais belos do que os Hotentotes e os Cafres, e por quê?*

*Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto de nossos estudos, a ele se refere, todavia, de maneira direta, e toca o próprio futuro da Humanidade. Ela nos foi **sugerida, assim como a sua solução, pela passagem seguinte de um livro muito interessante e muito instrutivo, intitulado: As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade, por Charles Richard.***

O autor dedica-se a combater a opinião da degenerescência física do homem desde os tempos primitivos, e refuta, vitoriosamente, a crença na existência de uma raça primitiva de gigantes, e se dedica a provar que, do ponto de vista da força física e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se não os ultrapassam mesmo.

Passando à beleza das formas, assim se exprime, às páginas 44 e seguintes:

(...)

Do que precede se pode concluir (conclusão que se baseia no texto citado)

A beleza real consiste na forma que mais se distancia da animalidade, e reflete melhor a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. O moral influenciando sobre o físico, que apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: Primeiro que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2º que, à medida que o homem se eleva moralmente, seu envoltório se aproxima do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode (condicional, consequências da conclusão acima) ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir (condicional) as paixões violentas, mas não saberiam (condicional) se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.

Pelo que se depreende do exposto, os defensores do racismo na doutrina espírita omitem cuidadosamente o contexto, o qual demonstra exatamente o oposto do que querem alegar, ou seja, que a teoria não é de Kardec, e que suas conclusões são tiradas "do que precede", tomando como base os pressupostos da teoria de Charles Richard, mesmo assim ainda são empregados termos no condicional, não dando o caso por encerrado. Não vemos como, segundo a ótica equivocada de alguns, rotular Kardec de racista ou preconceituoso simplesmente por achar a raça branca mais bela do que a raça negra, da mesma forma que seria injusto acusar-me de preconceito por achar Giselle Bündchen mais bela do que a Naomi Campbell ou vice-versa, mas ilustremos o caso: se eu achar a negra Naomi Campbell mais bela do que a Giselle eu não sou preconceituoso, mas se eu achar o oposto, então serei um preconceituoso, quiçá um racista. Em suma, estamos proibidos de achar a raça branca mais bela. Eis o "padrão" de julgamento com que querem a todo custo rotular Kardec. E ainda chamam a isso "opinião lúcida, imparcial e abalizada". Quanto preconceito!

Já foi mostrado em que pontos Kardec concorda com a teoria e em que pontos ele não se posiciona, agora mostraremos se o simples fato de expor uma teoria à publicidade subentende uma adesão ou endosso da parte dele. Sobre estas e outras teorias vejamos o que ele tem a nos dizer:

Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura.

(...)

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: "Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos." A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro.
(KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução)

Por estas razões, engana-se os defensores do racismo na doutrina espírita e had-hominen de Kardec quando diz que: Kardec se utilizou apenas do seu critério subjetivo de beleza estética. Porém acerta quando, num lampejo de bom senso, reconhece que nem toda teoria é necessariamente uma realidade científica, mas uma condição hipotética ideal, onde devem ser observados certos pressupostos, certas regras ou normas, que numa realidade podem ser observadas imperfeita ou parcialmente.

E assim, seria improcedente alegar o que se segue: Para corroborar nossa opinião de que Kardec era preconceituoso e influenciado por teorias racistas em voga na Europa do século XIX. Pois não há qualquer prova de que Kardec houvesse endossado algumas destas "teorias racistas", embora as tenha comentado e trazido à discussão. A mesma regra, evidentemente, vale para outras "teorias racistas", tais como Frenologia e Fisiognomia. Sobre isso, e antes de verificarmos a procedência das acusações, vejamos o que os defensores do racismo na doutrina espírita têm a nos dizer:

Fica claro aqui que o fundador do espiritismo foi influenciado e muito por teorias humanas, tais como a Frenologia . Teorias falhas que o próprio tempo tratou de desmentir. A realidade é dura, mas é a verdade: as literaturas clássicas do espiritismo foram escritas por um "intelectual" e ocultista europeu influenciado por doutrinas humanas pseudo-científicas preconceituosas, equivocadas e ultrapassadas (mas que foram atribuídas a supostos "espíritos evoluídos"), tais como a Frenologia e o Eurocentrismo, ambas de teor racista. Grande erro de Kardec foi atribuir tais ensinamentos a espíritos "evoluídos", incluí-las numa doutrina espiritual que se diz filosofia racional e considerá-la a Terceira Revelação aos Homens.

O que é a frenologia, segundo Kardec? Teria ele a endossado ou apenas publicou e discutiu seus pressupostos? Teria Kardec atribuído "tais ensinamentos (frenologia) a espíritos 'evoluídos'"? Quando e onde podemos encontrar comprovação de tais declarações? Conforme o que segue abaixo, Kardec não parece sentir toda esta ingênua simpatia sem reservas pela frenologia. Vejamos como ele encara o assunto:

*O corpo médico está dividido, sobre a questão do magnetismo, como o está sobre a homeopatia, a alopátia, sobre a **frenologia**, sobre o tratamento da cólera, sobre as purgações e a sangria, e sobre tantas outras coisas, **de tal sorte que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual que não tem força de lei**; (KARDEC, A. Revista Espírita, outubro de 1859, O Magnetismo reconhecido pelo poder judiciário, grifo nosso)*

*Não impomos as nossas ideias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as acham justas; aqueles que vêm a nós é porque pensam e acham ocasião para aprenderem, mas não o é como filiação, porque não formamos nem denominação, nem partido; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo, **como outros para o estudo da frenologia**, da história ou de outras ciências; (KARDEC, A. Revista Espírita, abril de 1860, Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade, grifo nosso)*

A frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro. O doutor Gall, fundador desta ciência, pensou que, uma vez que o cérebro é o ponto onde chegam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deve ter aí seu órgão especial. Seu sistema consiste, pois, na localização das faculdades. O desenvolvimento de cada parte cerebral, compelindo ao desenvolvimento do envoltório ósseo, e aí produzindo protuberâncias, disso concluiu que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou tal faculdade, e daí o caráter ou as aptidões do indivíduo; daí, também, o nome de cranioscopia dado a esta ciência, com a diferença de que **a frenologia tem por objeto tudo o que concerne às atribuições do cérebro, ao passo que a cranioscopia se limita às induções tiradas da inspeção do crânio; em uma palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que Laváter fez para os traços da fisionomia (Fisiognomonía).**

Não temos a discutir aqui o mérito dessa ciência, nem examinar se ela é

verdadeira ou exagerada em todas as suas conseqüências; ela é, porém, alternativamente defendida e criticada por homens de um alto valor científico; se certos detalhes são ainda hipotéticos, ela não repousa menos sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento e a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O que é de nossa alçada, é o estudo de suas conseqüências psicológicas.

(...)

Infelizmente, Laváter caiu num defeito comum à maioria dos autores de sistemas, e ó que, de um princípio verdadeiro em certos aspectos, concluem numa aplicação universal, e, no seu entusiasmo por descobrir uma verdade, vêem-na por toda a parte: aí está o exagero e, freqüentemente, o ridículo. Não temos que examinar aqui o sistema de Laváter em seus detalhes; diremos somente que tanto é inseqüente remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode ter nenhuma ação.

(...)

Se examinarmos agora essa ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos a combater várias induções errôneas que dela se poderiam tirar.

(...)

Uma outra indução, não menos errada, é tirada do princípio da pluralidade das existências. De sua semelhança com certos personagens, há os que concluem poderem ter sido esses personagens; ora, pelo que precede, é fácil demonstrar-lhes que aí não está senão uma idéia quimérica.. Como dissemos, as relações consangüíneas podem produzir uma semelhança de formas, mas não está aqui o caso, e Esopo pôde, mais tarde, ser um homem muito bonito, e Sócrates um forte e belo jovem; assim, quando não há filiação corpórea, não se pode ver senão uma semelhança fortuita, porque não há nenhuma necessidade, para o Espírito, de habitar corpos semelhantes, e em se tomando um novo corpo não lhe traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, segundo o que dissemos acima, do caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente, ele retorna com as mesmas inclinações, e poderá ter sobre o seu rosto idêntica expressão; isso é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Esse caso, de resto, deve ser excepcional, porque é raro que o Espírito não venha, numa outra existência, com as disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisionômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes; não se pode encontrá-los senão no caráter moral, nas idéias instintivas e intuitivas, nos pendores inatos, naqueles que não são o fato da educação, assim como na natureza das expiações que se sofre; e ainda isso não poderia indicar senão o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, tendo-se em conta o progresso e não a individualidade. (Ver O Livro dos Espíritos, números 216 e 217). (KARDEC, A.Revista Espírita, julho de 1860, A Frenologia e a Fisiognomia, grifo nosso)

O *Siècle*, de 4 de fevereiro contém uma carta do doutor Riboli que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. **Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor**, e ainda menos o personagem político; mas a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.

O doutor Riboli **acha** que a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades morais e intelectuais que o distinguem, e acrescenta:

(...)

Toda a carta está escrita com um entusiasmo que denota a mais profunda e a mais sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, **queremos muito crer que as observações do autor não foram influenciadas por nenhuma idéia preconcebida; mas isso não é do que se trata: aceitamos seus dados frenológicos como exatos (aceitar dados não significa aceitar a teoria), e não o fossem, Garibaldi com isso não seria nem mais nem menos do que é.** Sabe-se que **os discípulos de Gall formam duas escolas:** a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos; para ele os órgãos são a causa, as faculdades são o produto; de onde se segue que fora dos órgãos não há mais faculdades, dito de outro modo, que quando o homem está morto, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa, o desenvolvimento dos órgãos é um efeito; de onde se segue que a destruição dos órgãos não leva ao aniquilamento das faculdades. **Não sabemos a qual dessas duas escolas pertence o autor da carta, porque a sua opinião não se revela por nenhuma palavra;** mas supusemos um instante que as observações acima foram feitas por frenólogo materialista, e nos perguntamos que impressão deveria sentir à idéia de que essa cabeça, que carrega todo um mundo, não deve seu gênio senão ao acaso ou ao capricho da Natureza que lhe teria dado a maior massa cerebral em lugar antes que num outro; ora, como o acaso é cego, e não tem plano premeditado, poderia muito bem aumentar o volume de uma outra circunvolução do cérebro, e dar assim, sem o querer, um outro curso às suas inclinações. Esse raciocínio se aplica, necessariamente, a todos os homens transcendentos, a qualquer título que isso seja. Onde estaria seu mérito se não devesse senão ao deslocamento de um pequeno pedaço de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em lugar de um grande homem, fazer um homem vulgar, em lugar de um homem de bem fazer um celerado?

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, desse gênio nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas conseqüências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o

desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. O ser pensante é o ser principal, cujo corpo não é senão um acessório destrutível. O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que freqüentemente não deixa o tempo de desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência, e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. **Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada.** Lembra-se desse trapeiro filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: o que é senão nós! Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios. (Revista Espírita, março de 1861, A cabeça de Garibaldi)

Tal é, em poucas palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, uma palavra ainda é necessária sobre o modo de apreciação. **Enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio.**

(...)

Isso basta para mostrar que **as observações frenológicas práticas apresentam uma dificuldade muito grande**, e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todo o mundo. Colocadas estas preliminares, encaremos a coisa de um outro ponto de vista.

(...)

Dois sistemas radicalmente opostos têm, desde o princípio, dividido os frenologistas em materialistas e em espiritualistas. Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro segrega o pensamento, como as glândulas a saliva, como o fígado a bÍlis; ora, como a quantidade de secreção é geralmente proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade do pensamento é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro, que cada parte do cérebro, segregando uma ordem particular de

pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina que faz do homem uma máquina, sem responsabilidade de seus atos maus, sem mérito de suas boas qualidades, e que não deve seu gênio e suas virtudes senão ao acaso de seu organismo (1- (1) Vede a Revista Espírita de março de 1851: A cabeça de Garibaldi, página 76).

Com semelhante sistema, toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

*Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou tal faculdade leva ao desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço leva ao desenvolvimento dos músculos desse braço; de onde se segue que o desenvolvimento do órgão é um efeito e não uma causa. Assim, um homem não é poeta porque tem o órgão da poesia; tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. **Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade diante da qual a frenologia forçosamente se detém: se é espiritualista, nos dirá bem que o poeta tem o órgão da poesia, mas não nos diz porque ele é poeta; porque o é antes que seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e assim com todas as outras aptidões. Só o Espiritismo pode dar-lhes a explicação.***

(...)

Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade, e não cremos que esteja com a verdade; mas iremos mais longe. Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponde a uma nuance da faculdade. Isto não é senão uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho para novas observações. (KARDEC, A. Revista Espírita, abril de 1862, Frenologia espiritualista e espírita, grifo nosso)

(Ver também: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/bernardino/espiritismo-e-frenologia.html>)

Eis aí o que podemos judiciosamente chamar de opinião lúcida, imparcial e abalizada. Acreditamos que agora, conforme o exposto fica mais fácil entender a postura clara e reservada de Kardec, em face de algumas "teorias racistas", conforme breve análise de alguns sofismas.

Há pessoas que se apegam ingenuamente à mera opinião de dois espíritas, tais como o Sr. Signates e Eugênio Lara, como se isso fosse à expressão da MAIS absoluta verdade, como se eles fossem infalíveis e como se entre nós devesse haver um consenso que absolutamente inexistente em seu próprio meio protestante. Quanta utopia!

Pegam palavras soltas, versos isolados, e ficam achando que somos menos ocupados quanto eles para ficar dançando ao som de suas valsas, e respondendo a todas as cavilações que nos dirigem. Pensam que estamos preocupados com o que alguns espíritas pensam de Kardec, mas omitem deliberadamente o mais importante,

ou seja, a opinião de Kardec sobre racismo. Mas vejamos agora se podemos conciliar racismo com o pensamento de Kardec:

*"...Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passos da aliança que existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais ó o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor** . O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eterno. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a Legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; então ver-se-á desaparecerem essa anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje...". (KARDEC, A. Revista Espírita 1861, pág. 297-298, grifo nosso).*

"O homem de bem"

"O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem".

"Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas".

"Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais".

"Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar".

"Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça".

"Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa".

"O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus".

"Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam".

"Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à idéia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor".

"Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado".

"É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: 'Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado'".

"Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal".

"Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera".

"Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros".

"Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado".

"Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões".

"Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus ; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram".

"O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9.)".

"Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus

semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus".

"Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha que a todas as demais conduz". (KARDEC, A O Evangelho Segundo o Espiritismo, págs. 272-274, grifo nosso).

"Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade". (KARDEC, A. A Gênese, pág. 31, grifo nosso).

"Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, refreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade".

"Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caírem os preconceitos de casta e se caírem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros".

"Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos".

"A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados". (KARDEC, A. A Gênese, págs. 414-415, grifo nosso).

"Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família** ; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência". (KARDEC, A. A Gênese, págs. 415-416, grifo nosso).

"Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens bastante desinteressados, bons e benevolentes para viverem, entre si, fraternalmente, não haveria entre eles nem privilégios nem direitos excepcionais, sem o que não haveria ali fraternidade. **Tratar alguém como irmão, é tratá-lo de igual para igual; é querer-lhe o que desejaria para si mesmo; num povo de irmãos, a igualdade será a consequência de seus sentimentos, de sua maneira de agir, e se estabelecerá pela forças das coisas. Mas qual o inimigo da igualdade: É o orgulho. O orgulho, que, por toda a parte, quer primar e dominar, que vive de privilégios e de exceções, pode suportar a igualdade social, mas não a fundará jamais e a destruirá na primeira ocasião. Ora, sendo o orgulho, ele também, uma das pragas da sociedade, enquanto não for destruído, oporá uma barreira à verdadeira igualdade**". (KARDEC, A. Obras Póstumas, pág. 230, grifo nosso).

"Fora da caridade não há salvação"

"Estes princípios, para mim, não são apenas uma teoria, eu os coloco em prática; faço o bem tanto quanto o permite a minha posição; presto serviço quanto posso; os pobres jamais foram rejeitados em minha casa, ou tratados com dureza; a todo momento não foram sempre recebidos com a mesma benevolência? Jamais lamentei meus passos e minhas diligências para prestar serviço; pais de família não saíram da prisão pelos meus cuidados? Certamente não me cabe fazer o inventário do bem que pude fazer; mas, num momento em que parece tudo esquecer-se, é-me muito permitido, creio, chamar à minha lembrança que **a minha consciência me diz que não fiz mal a ninguém, que fiz todo o bem que pude**, e isso o repito sem pedir conta de opinião; sob esse aspecto, a minha consciência está tranqüila e de alguma ingratidão com a qual pude se pago, em mais de uma ocasião, isso não poderia ser para mim um motivo para deixar de fazê-lo; a ingratidão é uma das imperfeições da Humanidade, e como nenhum de nós está isento de censuras, é preciso saber passar aos outros pelo que se nos passa a nós mesmos, a fim de que se possa dizer, como J. C.: 'que aquele que está sem pecado, lhe atire a primeira pedra'. Continuarei, pois, a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega; e eu lhes estenderia sempre a mão para tirá-los de um precipício, se a ocasião disso se apresentasse".

"Eis como entendo a caridade cristã; compreendo uma religião que nos ordena retribuir o mal com o bem, com mais forte razão restituir o bem pelo bem. Mas não compreenderia jamais a que nos prescrevesse retribuir o mal com o mal. (Pensamentos Íntimos de Allan Kardec; documento encontrado em seus papéis)". (KARDEC, A. Obras Póstumas, pág. 327, grifo nosso).

Para finalizar, não podemos deixar de ressaltar que sobre isso, ao contrário do que pensam alguns, o Kardec como um homem de seu tempo e na qualidade de Codificador do Espiritismo, já deixou seu veredicto irrevogável:

"o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo**

as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor".

Mauricio C.P.
Thiago Toscano Ferrari
Janeiro / 2007
(Revisado Outubro / 2013)

Referências bibliográficas:

KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Editora PETIT, São Paulo, SP, 2004.
KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Editora PETIT, São Paulo, SP, 2004.
KARDEC, A. *A Gênese*, Editora PETIT, São Paulo, SP, 2004.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993c.
KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993d.
Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.